

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v14i23.564>

A GUERRA DO PARAGUAI SOB A ÓTICA DO VISCONDE DE TAUNAY^{1,2}

THE PARAGUAYAN WAR FROM VISCOUNT OF TAUNAY'S PERSPECTIVE

LA GUERRA DEL PARAGUAY DESDE LA PERSPECTIVA DE VIZCONDE DEL TAUNAY

ISADORA TAVARES MALEVAL

Doutora em História Política pela UERJ / Professora do Departamento de História da UFF
Campos dos Goytacazes / Rio de Janeiro / Brasil
isadoramaleval@gmail.com

Resumo: Alfredo d'Escragnolle Taunay (1843-1899), o Visconde de Taunay, letrado de prestígio do Brasil Império, teve seu despontar como escritor a partir da sua participação enquanto soldado na Guerra do Paraguai (1864-1870). Ele foi um dos primeiros a escrever sobre o que viu e viveu naquele cenário calamitoso, sendo por tal motivo considerado por seus contemporâneos o “Xenofonte brasileiro” – menção clara ao comandante/escritor da Antiguidade clássica. A análise desses testemunhos tem como foco compreender de que maneira esse tipo de produção letrada acabou por favorecer uma determinada interpretação da guerra, sobretudo na historiografia brasileira até meados do século XX, denominada por alguns autores como uma “historiografia de trincheira”, de viés notadamente nacionalista.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai. Visconde de Taunay. Historiografia.

Abstract: Alfredo d'Escragnolle Taunay (1843-1899), the Viscount of Taunay, prestigious literate in Brazil's Empire, had his start as a writer in the moment of his participation as a soldier in the War of Paraguay (1864-1870). He was one of the pioneers in writing about what he saw and lived in that calamitous scene, and for that reason was considered by his contemporaries as the “Brazilian Xenophon” – a clear reference to the commander / writer of classical Antiquity. The analysis of these testimonies is focused on understanding how this type of literate production turned out to privilege a particular interpretation of the war, especially in the Brazilian historiography until the mid-twentieth century, called by some authors as a “trench historiography”, remarkably nationalist.

Keywords: Paraguayan War. Viscount of Taunay. Historiography.

Resumen: Alfredo d'Escragnolle Taunay (1843-1899), el Vizconde de Taunay, letrado de prestigio del Brasil Imperial, hizo su aparición como escritor a través de su participación como soldado en la Guerra del Paraguay (1864-1870). Fue uno de los primeros en escribir sobre lo que vio y vivió en ese escenario catastrófico, y por eso fue considerado por sus contemporáneos el “Jenofonte brasileño” – una clara referencia al comandante / escritor de la Antigüedad clásica. El análisis de estos testimonios se centra en la comprensión de cómo este tipo de producción escrita resultó a favor de una

¹ Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2016 e aprovado para publicação em maio de 2017.

² Este artigo é uma contribuição oriunda da pesquisa elaborada no período de meu estágio pós-doutoral, em 2015, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob supervisão da Prof^ª. Dr^ª. Lucia Maria Bastos Pereira das Neves, intitulada “Militar, político e antirrepublicano: os usos da experiência na escrita não-ficcional do Visconde de Taunay (1864-1899)” e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Outros Tempos, vol. 14, n. 23, 2017 p. 44 - 62. ISSN:1808-8031

interpretación particular de la guerra, especialmente en la historiografía brasileña hasta mediados del siglo XX, llamada por algunos autores como una “historiografía de trincheira”, muy nacionalista.

Palabras claves: Guerra del Paraguay. Vizconde de Taunay. Historiografía.

Nessa época, já próxima da invasão que o ditador do Paraguai Lopez ideava, raros eram, contudo, aqueles que, nos mais chegados lugares da fronteira, supusessem possível uma guerra provocada pela república confinante³.

De proporções gigantescas, a Guerra do Paraguai mobilizou nações justamente no momento em que se consolidava o ideal nacional em grande parte do mundo ocidental. Quatro países (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) estiveram nela envolvidos e pode-se dizer que suas repercussões são sentidas até hoje, fato que merece destaque ao lembrarmos das recentes discussões no Brasil em torno da abertura de arquivos tidos como sigilosos, muitos deles contendo documentos oriundos daquele conflito bélico⁴.

A atual historiografia brasileira sobre o evento traz à tona algumas informações importantes. Ainda que haja uma série de interpretações sobre as razões que explicam o nascimento da disputa, existe certo consenso em analisá-la a partir da discussão sobre as fronteiras nacionais entre os Estados limítrofes e a disputa pela liderança política e econômica na região, sobretudo entre Brasil e Paraguai. Seu estopim, em novembro de 1864, teria se dado em função da intervenção do Império brasileiro na guerra civil uruguaia, negando a tentativa de mediação estabelecida pelo Paraguai na ocasião, o que culminou na declaração de guerra pelo governante paraguaio, Francisco Solano López, e na invasão do Mato Grosso por suas tropas. O mesmo ocorreu com a Argentina, que teve parte de suas terras ocupadas após

³ TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle. *Irecê a guanã*. Organização de Sergio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 19.

⁴ O debate sobre a permanência da categoria de documentos sigilosos teve início com o projeto enviado ao Congresso pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2009. No ano seguinte, a Câmara aprovou o texto com uma modificação substancial: limitava a uma única vez a possibilidade de renovação do prazo de sigilo. Os documentos classificados como “ultrassegredos” deviam ser divulgados em, no máximo, 50 anos. Os ex-presidentes da República Fernando Collor e José Sarney, contudo, defenderam a manutenção do sigilo eterno de documentos históricos oficiais do Brasil, sobretudo aqueles que diziam respeito às relações internacionais/diplomáticas com os países vizinhos – incluindo-se, nesse caso, documentação referente à Guerra do Paraguai. Apesar dessa oposição, o Senado aprovou o fim do sigilo eterno de documentos, em outubro de 2011, e a então presidente Dilma Rousseff sancionou a lei no mês seguinte. Cf. os links <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/10/senado-aprova-fim-do-sigilo-eterno-de-documentos.html>>; <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/dilma-sanciona-lei-que-acaba-com-sigilo-eterno-de-documentos-20111118.html>>. Acessos em: 5 jan. 2015.

negar a colaboração com os paraguaios, que planejavam tomar o Rio Grande, em março de 1865. Meses depois, Brasil, Argentina e Uruguai formaram a Tríplice Aliança, cujas motivações eram, em linhas gerais, acabar com a ditadura de López, garantir o livre acesso fluvial na região e obter ganhos territoriais em favor da Argentina e do Brasil. O embate tomou gigantescas proporções, pelo altíssimo número de mortos durante os quase seis anos em que perdurou e por suas consequências econômicas, políticas e sociais nas áreas do conflito⁵.

Tal abordagem é por alguns autores compreendida como uma “Interpretação Sistêmica Regional”, oriunda das reflexões que permearam o fim da década de 1980 e o início dos anos 1990 no Brasil. Essa historiografia, basicamente, propõe-se a analisar a sangrenta disputa através de uma sólida pesquisa, por meio do método crítico e do uso de múltiplos tipos de fontes, concluindo que as origens da guerra devem ser conectadas ao próprio processo histórico regional⁶. Desse modo, distingue-se de visões outrora recorrentes para explicar e narrar os eventos transcorridos entre 1864 e 1870, tais como o revisionismo das décadas de 1960 e 1970, que responsabilizava a Grã-Bretanha pelo início do processo, ou mesmo a tradicional historiografia identificada com a causa monárquica, nascida durante a própria Guerra do Paraguai⁷.

Importa salientar, neste artigo, justamente a existência desta “historiografia de trincheira”, construtora de uma versão eminentemente nacionalista sobre a disputa⁸. Essa denominação abarca sobretudo textos escritos por homens que estiveram no centro do conflito, combatendo pelo Brasil. Muito do entusiasmo característico nesses escritos se relaciona com o lugar de sua produção: a proximidade temporal era, muitas vezes, a tônica para uma escrita de viés memorialista. Da mesma forma, a própria interpretação do conflito variava pouco em termos de explicação e consequente culpabilização pelo massacre. A versão que se impôs a muitas gerações indicava Solano López como o principal responsável pela

⁵ IZECKSOHN, Vitor. A Guerra do Paraguai. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). *O Brasil Imperial, volume II: 1831-1870*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 385-424; VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 322-325.

⁶ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. História e ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Coloquios, p. 7, 2009. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/>>. Acesso em: 22 set. 2016.

⁷ ARAUJO, Tiago. *A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012, p. 19.

⁸ MAESTRI, Mário. A Guerra do Paraguai: História e historiografia: da instauração à restauração historiográfica (1871-2002) – parte 1. In: ENCUESTRO ANUAL DEL CEL, 5., 2008, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: Museu Histórico, 2008.

guerra, devido à sua tirania e ambição crescentes, contra as quais o Estado brasileiro vira-se na obrigação de lutar⁹.

É notório, assim, que a mobilização em torno da Guerra do Paraguai tenha possibilitado a união de esforços comuns dentro do país, que vivia, desde a Independência, uma busca por coesão própria – uma identidade separada de Portugal. Diferentemente das lutas políticas de caráter separatista ocorridas ao longo do período regencial, por exemplo, aquele conflito configurava uma disputa externa: o inimigo não estava dentro do Brasil, mas fora dele e era, inclusive, visto como antagonista em suas escolhas políticas e na sua apresentação como nação. As imagens criadas no período para demonstrar a barbárie na qual viviam os paraguaios, comparada com a “civilização” brasileira, sob a égide da monarquia, serviram muito bem ao propósito de legitimar esse discurso nacional¹⁰.

A unidade garantida pela adesão contra o rival do Brasil pode ser verificada pela frequência das manifestações populares no início do combate. Assim o demonstra o grande espaço reservado às notícias sobre a guerra nos jornais do país. Ao menos no começo do conflito, a mobilização para a luta fora surpreendente; ela partiu de diversos setores sociais, ainda que por motivações distintas. A participação de Alfredo d’Escragno Taunay (1843-1899), o futuro Visconde de Taunay¹¹, na Guerra do Paraguai coaduna com esta assertiva: ao lado de “Desocupados, migrantes, criminosos, órfãos e desempregados”, recrutados na maior parte das vezes compulsoriamente¹², indivíduos oriundos das castas mais prestigiosas da *boa sociedade*¹³ também tiveram de obedecer ao “chamado da pátria”.

Os escritos de Taunay sobre a Guerra do Paraguai

Considerados marcos iniciais da já mencionada historiografia memorialista sobre a Guerra do Paraguai, os testemunhos de Taunay foram essenciais para produzir certo conhecimento histórico a respeito do conflito. Ao longo de toda sua vida, ele (re)elaborou relatos sobre os eventos que vivenciou na qualidade de soldado. A escrita que privilegiava aqueles tempos foi uma constante na vida do escritor, aparecendo não apenas em textos

⁹ DORATIOTO, op. cit., 2009, p. 4.

¹⁰ IZECKSON, op. cit., 2011, p. 396-397.

¹¹ O título de Visconde foi conferido a Taunay em 1889.

¹² IZECKSON, op. cit., 2011, p. 398.

¹³ REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988; MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1987.

diretamente relacionados à temática – como escritas oficiais sobre a guerra –, mas também em obras literárias e memorialísticas. Por esse motivo, é costume se referir à obra deixada por Taunay como uma excelente fonte para o historiador que pretenda se debruçar minimamente sobre aquele contexto.

Uma fonte que, como qualquer outra, deve passar por uma incisiva análise crítica. Se concordamos com um grande historiador quando afirmou que o testemunho só fala quando interrogado, anuímos igualmente com a ideia de que essa interrogação deve levar em conta aquilo que ele não nos diz, conscientemente ou não¹⁴. A escrita empreendida por Taunay, já se afirmou, tem uma particularidade muito evidente: o apoio incontestável à nação brasileira e, por consequência, à causa monárquica, evidenciada não apenas nas narrativas sobre a Guerra do Paraguai, mas em praticamente todos os trabalhos que empreendeu, fossem eles literários ou de outra natureza. Nisso incluem-se a própria participação do autor no conflito, toda sua trajetória política posterior pelo Partido Conservador e sua atuação em instituições notáveis, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

A reverência de Taunay pelo Império torna-se ainda mais clara quando ele se tornou passado. Com a mudança política empreendida pela República inaugurada em 1889, sua escrita tornava-se raivosa ao opor as duas formas de governo. No romance *O encilhamento*, Taunay narrava a desmoralização política que culminou na péssima escolha de Rui Barbosa para o campo econômico. Outrossim, demais textos de sua autoria demonstram a repugnância que nutria pelo governo republicano, indo desde escritos de ocasião, alguns dos quais publicados em jornais, até narrativas memorialísticas, cujo exemplo de maior monta vem a ser sua autobiografia retida por décadas na “arca do sigilo” do IHGB¹⁵.

Este preâmbulo busca, portanto, evidenciar a adoração de Taunay pela monarquia brasileira. Sua relação com o regime explica-se por algo mais pessoal do que simplesmente escolhas ideológicas ou políticas. A proximidade afetiva que tinha com o próprio imperador, herdada de seu pai Félix Emílio, preceptor de D. Pedro II quando ele ainda era uma criança, é constantemente referenciada nas páginas das suas *Memórias*. Taunay assumia-se como um monarquista convicto, sempre disposto a fazer o elogio de tudo que houvesse relação com o monarca brasileiro, incluindo nesse quesito a própria existência e o sentido da Guerra do Paraguai. Daí a sua importância para aquela primeira historiografia sobre o evento, já caracterizada anteriormente como “de trincheira” e extremamente nacionalista.

¹⁴ BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 78.

¹⁵ Sobre a “arca do sigilo” e demais aspectos relativos à autobiografia de Taunay trataremos adiante.

Por outro lado, não deve ser preterida a constatação de que existiam diferentes visões a respeito do conflito, como a que se desenvolveu no Paraguai, por motivos óbvios, ou mesmo entre alguns brasileiros que também estiveram no palco dos acontecimentos, mas que não os idealizavam, nem a monarquia que lhes deu origem. Foi o caso de Benjamin Constant, que chegou a elaborar uma série de críticas ao conflito e às lideranças brasileiras, sobretudo a Caxias, demonstrando que o apoio à causa brasileira não era tão amplo e irrestrito quanto se aparentava¹⁶.

Isso posto, retomamos o cerne da questão, a trajetória de Taunay no momento em que ela foi marcada para sempre pela Guerra do Paraguai. Da imposição familiar em fazer carreira militar¹⁷ à sua viagem para o Mato Grosso na comissão de engenheiros, em 1865, pouco tempo se passou. A missão era então de repelir os paraguaios – o que só ganharia contornos mais evidentes dois anos mais tarde, quando a coluna alcançou a região do Rio Apa e invadiu o norte do Paraguai¹⁸. Entretanto, a falta de armamentos e alimentos acabou sendo determinante e o comandante da expedição teve de iniciar a retirada que daria título e corpo a um de seus primeiros trabalhos como escritor, *A retirada da Laguna*¹⁹.

Taunay regressou à Corte naquele mesmo ano para dar notícias sobre o corpo expedicionário e o estado da guerra. Permaneceu por dois anos na capital e depois retornou ao campo de batalha, desta vez como secretário de estado-maior do Conde d'Eu, recém-nomeado comandante-em-chefe das forças brasileiras em operação no Paraguai, no lugar do então Marquês de Caxias²⁰, que considerou por encerrada sua missão quando ocupou Assunção²¹. Nessa nova posição, Taunay esteve na linha de frente de um dos momentos decisivos para o término da guerra: a Campanha da Cordilheira, que pôs fim ao último foco da resistência paraguaia. A descrição que fez na sua autobiografia dessa importante etapa da contenda deixa antever o cansaço das tropas brasileiras e as enormes atrocidades que presenciaram pelo caminho. A despeito de ser um marco na história do conflito, Taunay indicava vinte anos

¹⁶ ARAÚJO, op. cit., 2012, p. 243-265.

¹⁷ TAUNAY, A. E. *Memórias*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos, 1948. p. 69.

¹⁸ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 119-129.

¹⁹ Id. *A retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai*. Tradução e organização de Sergio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 26. A primeira versão da obra foi feita em francês, logo após o retorno de Taunay ao Rio de Janeiro, em 1868; a versão integral só foi impressa em 1871, por ordem do visconde de Rio Branco. Foi traduzida pela primeira vez para o português em 1874, por Salvador de Mendonça, e sua edição definitiva, que saiu publicada em Paris com prefácio e revisão de Xavier Raymond, data de 1879. MEDEIROS, Sérgio. Introdução. In: TAUNAY, A. E. *A retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai*. Tradução e organização de Sergio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 25-30.

²⁰ Vale lembrar que Caxias se tornou Duque em 1869.

²¹ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 305.

Outros Tempos, vol. 14, n. 23, 2017 p. 44 - 62. ISSN:1808-8031

depois que preferia esquecer aquele episódio: “[...] nem quero recordar-me das cenas que (lá) se passaram [...]”²². Este comentário dificilmente se repetirá na sua produção escrita, pois uma forte característica do autor é a sua preocupação em narrar tudo “como realmente aconteceu”; nenhum detalhe, nesse sentido, era por ele preterido²³.

Conhecido pela alcunha de “Xenofonte brasileiro”²⁴, Taunay escreveu notável obra que teve por foco sua vivência durante a terrível guerra contra o país vizinho. Seu trabalho mais prestigioso é, sem dúvida, *A Retirada da Laguna*²⁵. Mas sabemos que ele se serviu recorrentemente daquele período de sua vida para elaborar outros escritos, tais como o *Relatório geral da comissão de engenheiros* (1867), redigido ao longo da campanha do Mato Grosso; *Scenas de viagem* (1868), em que narrou a viagem de reconhecimento que fez, em 1866, pelo sul daquela província, durante a qual travou contato com índios de diversas etnias; *Diário do Exército* (1870), sobre a ocupação do Paraguai e a morte de Solano Lopes; *Narrativas militares* (1878), conjunto de contos numa conformação entre romance, epístola e história²⁶; e *Céus e terras do Brasil* (1881), que conta com relatos de viagem do autor e, portanto, não poderia deixar de trazer a descrição das regiões que visitou por ocasião da guerra. Deve-se adicionar a essa lista o artigo “*Viagem de regresso*”, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* de 1869, além das matérias escritas durante o conflito tendo por destinação o *Jornal do Commercio*²⁷.

Para exemplificar um pouco aquilo que Taunay empreendia nesse tipo de escrita, convém analisar rapidamente o opúsculo *Scenas de viagem: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda*, que trata do percurso feito entre dezembro de 1865 e abril de 1866, período anterior ao que serve de foco para *A Retirada da Laguna*²⁸. O texto era dedicado e endereçado ao general Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, o que de certo modo conformaria um determinado protocolo de escrita para a narrativa, em muitos pontos mais técnica (indicando, por exemplo, determinadas localidades por meio de orientações de bússola) e militar. Sua função parece ser menos a de contar uma história e mais a de descrever exaustivamente os locais pelos quais as tropas brasileiras passaram, e isso faz sentido se

²² Ibid., p. 350.

²³ Ibid., p. 303.

²⁴ Denominação que aparece recorrentemente em documentos do IHGB – instituição da qual Taunay fez parte como sócio correspondente entre 1869 e 1891.

²⁵ VAINFAS, op. cit., 2002, p. 323.

²⁶ MUNHOZ, Patrícia. *Hibridismo e conflitos morais em narrativas militares (1878), do Visconde de Taunay*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008, p. 107.

²⁷ Aspecto que será retomado posteriormente.

²⁸ *A retirada da Laguna* trata do contexto de 1867.

tivermos em mente que era um texto feito para ser rapidamente consumido por colegas militares – que, possivelmente, podiam em algum momento ter de passar pelos mesmos lugares. Isso é revelado pelo próprio Taunay, na mesma dedicatória, ao dizer que aquele trabalho foi feito pelo sentimento forte do seu dever enquanto brasileiro e soldado, e que a esse sentimento “[...] unia-se o desejo de corresponder à expectativa de minha família e de meus chefes, cumprindo à risca as ordens que me haviam sido dadas”²⁹.

Taunay descreveu constantemente e com uma riqueza enorme de detalhes a natureza da região: seus rios, planícies, montanhas, vegetação e também a sua fauna. Gastou tintas ao tratar de peixes e de mosquitos, por exemplo, mas de modo geral o que mais o impulsiona a escrever eram as ameaças do ambiente. Parecia, por vezes, equiparar o perigo humano a que as tropas brasileiras estavam expostas – em relação, obviamente, à guerra – aos riscos configurados pela força da natureza: doenças provocadas pelo clima, animais selvagens e chuvas torrenciais foram constantemente chamados a fazer parte dessa narrativa.

Todavia, pode-se dizer que a natureza, para Taunay, era tanto ameaçadora quanto inspiradora. Em determinados momentos, tratava dos lugares encantadores “[...] cheio(s) de maravilhas para a imaginação de um poeta”³⁰, ao mesmo tempo em que atentava para as necessidades de ordem prática – uma mistura que definiria sempre sua produção letrada. O autor esmerava-se em fazer uma descrição “poética” dos ambientes por ele frequentados, de modo a não apenas dá-los a conhecer a possíveis leitores, como a realizar algo semelhante a uma pintura, preocupado que era em explorar, na escrita, a “cor local”³¹. A própria escolha do título da obra, *Scenas de viagem*, remete a esse aspecto: cenas podem ser usadas na composição de distintas obras de arte, como na literatura, no teatro, na pintura e, hoje, no cinema. Ele mesmo deu pistas nessa direção, numa determinada passagem:

Um salteador, de arcabuz ao lado, dominando o caminho, outro estirado sobre uma rocha lisa, à espreita, transportariam a cena para aquelas serranias e nem faltavam, para completo da cor local, os *agaves* que surgiam por entre as fendas, nem a *figueira* tenaz, a qual, agarrada às asperezas da pedra, estirava grossos ramos sobre a senda³².

²⁹ TAUNAY, A. E. *Scenas de viagem: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda*. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1868, p. 7. Disponível em <http://www.riosvivos.org.br/arquivos/site_noticias_890204639.PDF>. Acesso em: 3 dez. 2015.

³⁰ TAUNAY. *Scenas...* op. cit., p. 7.

³¹ Sobre a recorrência de narrativas do século XIX que levavam em conta a “cor local”, conferir: CARDOSO, Eduardo Wright. *A cor local e a escrita da história no século XIX: o uso da retórica pictórica na historiografia nacional*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.

³² TAUNAY. *Scenas...* op. cit., p. 9.

Ao mesmo tempo em que elaborava um trabalho como esse, profundamente sensível, ele também incluía na narrativa muitos elementos técnicos. Não apenas no texto propriamente dito, mas em diversas notas ele trabalhava com conceitos e expressões cunhados por naturalistas famosos do período, como Francisco Freire Allemão, além de usar referências de leituras prévias, sobretudo de viajantes estrangeiros, como Saint-Hillaire e Henrique de Beaurepaire Rohan, fazendo uma discussão bibliográfica dos temas abordados e inserindo-se, com as novidades de que tratava, nesse universo intelectual³³.

Outro traço daquela obra é o seu tom desesperançoso, característica que pode ser compreendida devido ao momento de escrita do texto, feito no “calor dos acontecimentos”. Havia mais incertezas do que possibilidades em relação ao futuro da guerra. Em uma nota, Taunay dizia não ter ilusões em relação ao presente, que era vivido intensamente e a cada momento; tampouco podia ter esperanças voltadas ao futuro, que parecia, naquele tempo, mais um objeto de medo do que de vitórias: “[...] o futuro, como derivação natural [do presente], não nos abria horizontes de flores”³⁴. Esse tom nostálgico – de um passado mais seguro e belo do que o presente e o futuro – seria retomado na produção do Visconde de Taunay mais madura, sobretudo em sua obra feita depois da Proclamação da República. Como já se tratou, também naquele período, ele encarava o futuro como um tempo sombrio, preferindo uma constante fuga ao passado monarquista.

Scenas de viagem traz, ainda, um capítulo inteiro dedicado aos índios do distrito de Miranda, um verdadeiro tratado etnográfico. Taunay, numa perspectiva completamente eurocêntrica, preocupou-se em demonstrar a influência da cultura branca entre diferentes grupos indígenas da região. Isso acarretaria em diferentes graus de civilização, isto é, índios em maior ou menor grau civilizados pelo contato com os homens brancos³⁵. Também quis descrever os costumes daquela população, evidenciando o atraso em que elas viviam em matéria de catequese³⁶. Partia disso para fazer uma crítica das práticas religiosas presentes nas aldeias, consideradas por ele como puro fetichismo. Da mesma forma, a dinâmica familiar era questionada, vista pelo narrador como a “[...] mais reprovável devassidão de costumes [...]”³⁷. O livro inclui, por fim, um anexo intitulado “Vocabulário da língua guaná ou chané”, fruto do interesse de Taunay pela linguagem dos índios daquela região.

³³ Ibid., p. 59; 62.

³⁴ Ibid., p. 46.

³⁵ Ibid., p. 36.

³⁶ Ibid., p. 37.

³⁷ Ibid., p. 39. Eram os casos do matrimônio (por meio da venda) de meninas ainda crianças e o constante uso de práticas abortivas pelas índias.

Além dessa escrita de cunho mais oficial sobre a guerra, Taunay utilizou as experiências oriundas daquela ocasião em outros tipos de textos, como o romance *Inocência* (1872) e a novela “Irecê a guanã”, incluída em *Histórias brasileiras* (1874)³⁸. O primeiro texto descreve pormenorizadamente a natureza do “sertão” do Brasil – palavra usada pelo literato para nomear a região quase despovoada e inculta que ele percorreu entre os anos de 1865 e 1867, e que ia desde Uberaba até a fronteira com o Paraguai, abrangendo o sul das províncias de Goiás e Mato Grosso. Era ela, ao mesmo tempo, esplendorosa e inóspita³⁹.

Em várias passagens do romance o autor cita as referências adquiridas ao longo do tempo em que passou no “sertão”, sendo elas usadas para compor o ambiente e os personagens. Ao tratar do caminho que a tropa percorreu de Camapuã à entrada de Sant’Ana do Parnaíba, por exemplo, contava – nas *Memórias* – que se encontrou com um anão, “[...] mudo, mas um tanto gracioso, sobretudo ágil nos movimentos, que me serviu de tipo ao *Tico* do meu romance *Inocência*”⁴⁰.

Aquela expedição possibilitou uma nova visão do país por Taunay, que até então nunca havia saído do Rio de Janeiro. A própria ideia de *nação brasileira* construída pelo autor em seus vários trabalhos demonstra uma espécie de associação entre a imagem do Brasil que recebeu do Romantismo e a que obteve a partir da bagagem adquirida por sua participação na Guerra do Paraguai⁴¹. Por esse motivo, Taunay contrapunha-se a outros autores nacionais, como José de Alencar, que tratavam da natureza e dos habitantes do interior do país sem nunca terem posto os pés fora de seus gabinetes. Inclusive ele pensava ter confrontado, na prática, as ideias de Jean-Jacques Rousseau sobre o “bom selvagem”, pois viveu “[...] a doçura da vida não civilizada e o contato do homem bom de índole, mas inculto e agreste”⁴².

É notável a importância conferida por Taunay a narrativas que eram compostas a partir da observação direta, levando em conta o que havia sido experimentado pelos seus artífices. Como esta era uma particularidade do seu próprio modo de escrever, faz sentido que procurasse em seus contemporâneos o mesmo afã, muito provavelmente com o intuito de diferenciar-se e elevar-se deles. Isso porque o valor de sua obra consistia, justamente, na

³⁸ A edição por nós consultada, contudo, foi a organizada por Sergio Medeiros (2000).

³⁹ MEDEIROS. op. cit., p. 16.

⁴⁰ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 270.

⁴¹ MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 71.

⁴² TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 186.

Outros Tempos, vol. 14, n. 23, 2017 p. 44 - 62. ISSN:1808-8031

autenticidade dos modelos, que conferiam um valor documentário à sua ficção⁴³. Por sua excessiva preocupação com a fidelidade do narrado⁴⁴, Taunay acreditava que *Inocência* lançaria as bases da autêntica literatura brasileira, “[...] ao unir a reprodução da fala sertaneja com ‘descrições perfeitamente verdadeiras’ da natureza”⁴⁵.

A experiência vivenciada durante a Guerra do Paraguai acabou sendo fundamental também para a escrita de “Irecê a guaná”, uma novela curta que trata do amor entre a índia Irecê e o aventureiro Alberto. A própria convivência do autor com os índios, observando seus costumes e aprendendo sua língua, servia de base para a escrita – algo sem dúvida inédito no cenário intelectual brasileiro da época⁴⁶. Vale notar, ainda, que, assim como o protagonista do conto, Taunay aparentemente também se relacionou com uma índia, Antônia, vivendo um período agradável em meio aos desalentos da guerra, o qual foi descrito detalhadamente na autobiografia do escritor⁴⁷.

Assim, se há uma marca que possa definir a literatura de Taunay, indiscutivelmente é a do uso da experiência vivida para criar enredos. De acordo com Antonio Candido, por ele não ser nem bacharel nem médico, mas militar “enfrentado em problemas práticos”, foi um caso raro na literatura de seu tempo, para a qual trouxe “[...] uma rica experiência de guerra e de sertão, depurada por sensibilidade e cultura nutridas de música e artes plásticas. Esta combinação de senso prático e refinamento estético fundamenta as suas boas obras e compõe o traçado geral da sua personalidade”⁴⁸.

A Guerra do Paraguai nas *Memórias*

Taunay recorreu durante toda sua existência aos eventos dos quais participou enquanto esteve na comissão de engenheiros (1864-1867) e na Campanha da Cordilheira (1869-1870). Pode-se dizer que esse conjunto de narrativas é o mais extenso de sua produção escrita, que abarca desde os escritos feitos no “calor do momento”, relatando o cotidiano das campanhas, como *Scenas de viagem*, até aqueles concebidos muito posteriormente. A

⁴³ CANDIDO, Antonio. A sensibilidade e o bom senso do Visconde de Taunay. In: MEDEIROS, Sérgio. (Org.). *Irecê a guaná*. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 100.

⁴⁴ CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia literária brasileira. *Revista do IEB*, n. 46, p. 225, fev. 2008.

⁴⁵ TAUNAY. *Memórias*... op. cit., p. 168.

⁴⁶ MEDEIROS. op. cit., p. 17.

⁴⁷ TAUNAY. *Memórias*... op. cit., p. 206.

⁴⁸ CANDIDO. op. cit., p. 95.

heterogeneidade de textos se apresenta não só pelos diferentes momentos de produção, como também pela discrepância entre formas e objetivos. Em linhas gerais, assume-se que os primeiros possuíam um traço mais técnico e descritivo, inclusive por conta do público leitor que Taunay pretendia atingir – possivelmente outros oficiais e militares de patente mais alta e/ou autoridades imperiais. Já os escritos elaborados anos depois do conflito ter se encerrado tinham em vista outros interlocutores que teriam acesso àquele conteúdo.

Este último caso caracteriza-se ainda por escritos “suscitados e sugeridos pela memória” que foi acumulada *a posteriori* sobre os acontecimentos bélicos⁴⁹. Assim, há a necessidade de problematizar a produção de Taunay sobre o conflito, determinando o impacto do tempo no modo como o autor vivenciava continuamente a experiência da guerra. Nesse sentido, entende-se que uma escrita produzida no instante em que o narrado estava acontecendo necessariamente impulsionaria um determinado protocolo em relação à forma narrativa e à própria maneira de entender os acontecimentos, enquanto que uma produção posterior sobre os mesmos levaria em consideração outros cuidados estilísticos e de inteligibilidade dos eventos.

Curioso observar que, mesmo tendo escrito incessantemente sobre a Guerra do Paraguai, Taunay ainda se dispusesse a fazê-lo em sua autobiografia. Sergio Medeiros, no prefácio à edição de 1997 d’*A retirada da Laguna*, parece dar pistas para compreender essa obsessão: existiam aspectos que só poderiam ser trazidos à tona de forma completa naquela ocasião. Por isso, na referida edição, o organizador faz um trabalho de complementar o texto com notas e um apêndice, cujo conteúdo foi extraído das *Memórias*⁵⁰.

As *Memórias* serviriam, assim, como o espaço para tratar sem rodeios de temas que já haviam sido explorados com cautela por Taunay em outros textos. Mas a que isso se deve?

Nesse ponto, importa comentar rapidamente a respeito da natureza da produção desse texto de caráter autobiográfico. Foram dois de seus filhos, Afonso e Raul, que se ocuparam da sua publicação. Só que, diferentemente de outros escritos de sua autoria editados postumamente, sobretudo por Afonso⁵¹, a autobiografia permanecia inédita em plena década

⁴⁹ MARETTI. op. cit., p. 31.

⁵⁰ “No Apêndice, apresentamos trechos das *Memórias* em que Taunay narra, de forma saborosa e reveladora, experiências que viveu na guerra antes, durante e depois dos acontecimentos relatados em *A Retirada da Laguna*: virão à tona fatos que ele preferiu omitir desta obra, escrita inicialmente para o público francês”. TAUNAY. *A retirada...* op. cit., p. 24.

⁵¹ Afonso acabou sendo o grande responsável pela organização e publicação da obra de seu pai no século XX. Além disso, foi um historiador notável, membro do IHGB e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

de 1940. Isso se deveu ao fato de que Taunay optou por recolhê-la na “arca do sigilo” do IHGB, um projeto idealizado pelos seus sócios na década de 1830, ainda que apenas concretizado nos anos finais do Oitocentos, logo após a queda do regime monárquico. De modo geral, ele estipulava que documentos que versassem sobre eventos políticos atuais de grande complexidade ou sobre personagens neles atuantes deveriam ser guardados nessa espécie de depósito para que só em momento julgado oportuno fossem publicados⁵².

Os escritos de Taunay foram armazenados nesse arquivo secreto em 1892, com o intuito de que se fizessem conhecidos somente cerca de cinquenta anos depois. Tantos mistérios, aparentemente, se faziam necessários: Taunay buscava segurança para um fim de vida um pouco mais tranquilo e também proteção para sua prole. Por não conseguir silenciar sobre aquilo que não concordava – sobretudo em se tratando da República nascente –, a “arca do sigilo” e a publicação *post-mortem* lhe pareceram excelentes opções.

O texto acabado incluiu artigos esparsos que o Visconde havia escrito e publicado na imprensa: “A minha escolha senatorial”, que saiu à luz em 1897, e outros estudos contidos em *Reminiscencias* (1923) e *Homens e Cousas do Império* (1924) que seus descendentes consideraram “[...] perfeitos capítulos suplementares destas *Memórias*”⁵³. Isso justifica o porquê de a narrativa impressa ir até 1886, ainda que os cadernos guardados no IHGB fossem tão somente até o período imediatamente anterior à conclusão da Guerra do Paraguai.

Assim sendo, foi por precaução do autor que certos trechos problemáticos, suprimidos em suas publicações em vida, ganhassem abertura nessa *escrita de si* para a posteridade. Tinha muito a falar, por exemplo, sobre a expedição com destino ao Mato Grosso, logo nos primórdios da Guerra do Paraguai. De início, tratou de sua longa estadia em Campinas, regada a festas que pouco lhe fizera lembrar que aqueles eram tempos de guerra⁵⁴. Contou também sobre o coronel Drago, responsável pela expedição. Para Taunay, ele foi incompetente e por isso houve tanta demora até a tropa chegar ao Mato Grosso⁵⁵.

Cf. ANHEZINI, Karina. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 51-70, 2003.

⁵² Cf. MALEVAL, Isadora Tavares. *Entre a ‘arca do sigilo’ e o ‘tribunal da posteridade’*: o (não) lugar do presente nas produções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015, p. 75-85 e p. 286-290.

⁵³ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 13.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 119-120.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 128.

Outros Tempos, vol. 14, n. 23, 2017 p. 44 - 62. ISSN:1808-8031

Taunay polemizava, como em outros tempos⁵⁶, em relação à própria validade da comissão de engenheiros, da qual fazia parte, naquele contexto⁵⁷. O alto comando da guerra parecia não saber diferenciar o que era realmente necessário. E era notável que muitos de seus superiores permanecessem gerenciando de longe, definindo os destinos de todos aqueles homens a partir do Rio de Janeiro. Sequer conheciam o “país real”⁵⁸: a unidade nacional era baseada num enganoso conhecimento do território além da Corte⁵⁹.

A chegada ao distrito de Miranda – palco do saudoso namoro com a índia Antônia – e a exploração do rio Aquidauana são narradas exaustivamente⁶⁰. Sua passagem por Nioac e Apa também merece muitas páginas, além, claro, do momento em que alcançou Laguna⁶¹. A descrição dos eventos transcorridos nessas localidades é, por sua vez, entremeadada com comentários a respeito dos trabalhos que escreveu sobre cada ocasião, o que indica certa preocupação do autor em complementar as narrativas, dando unidade à obra. O que não foi possível explorar em *A Retirada da Laguna* e nos outros tantos textos que retrataram o período estava sendo feito nas *Memórias*.

Seu retorno ao Rio de Janeiro se deu em 1867, quando era tido como morto, porque a notícia veiculada na imprensa da época (e chancelada pelas autoridades) era de que a comissão da qual fazia parte havia sucumbido. Foi o escolhido, naquela ocasião, para levar ao governo imperial as notícias do corpo expedicionário. Sua presença na capital fez com que ficasse sabendo mais facilmente os comentários gerais sobre a guerra. Foi como informou-se do burburinho causado por muitas críticas dirigidas ao então Marquês de Caxias, comandante-em-chefe das tropas brasileiras, a quem Taunay via com admiração⁶².

Ao longo dos dois anos em que permaneceu na capital, muita coisa aconteceu. Para Taunay, veio a promoção a primeiro-tenente (1867) e a capitão do Exército (1868), além da publicação do *Relatório geral da comissão de engenheiros*, de *Scenas de viagens* e da primeira edição em francês d’*A Retirada da Laguna*. Para o Brasil, a continuação da guerra contra o país vizinho tomou aspectos cada vez mais dramáticos. Havia forte pressão para que o conflito tivesse fim. Caxias, inclusive, considerou por encerrada sua missão quando ocupou Assunção, tanto que retornou ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1869. Isso foi mal visto pelo

⁵⁶ Taunay foi um articulista polêmico, que com frequência se manifestava na imprensa periódica, sobretudo no *Jornal do Commercio* e na *Gazeta de Notícias*. MARETTI, op. cit., p. 46.

⁵⁷ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 139.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 142.

⁵⁹ MARETTI, op. cit., p. 70.

⁶⁰ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 188-199.

⁶¹ *Ibid.*, p. 226-236.

⁶² TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 297-301.

imperador, que não desejava ainda o fim da guerra e o acordo de paz com o Paraguai; queria, antes, a captura de Solano López⁶³.

Como em tantas outras ocasiões, e a despeito de sua consideração por Caxias, Taunay referendava a opinião do monarca. Assim foi que, em 1869, acabou retornando ao campo de batalha, só que desta vez como secretário de estado-maior do Conde d'Eu, recém-nomeado comandante-em-chefe das forças brasileiras em operação no Paraguai, no lugar, justamente, de Caxias. A convivência com o marido da princesa Isabel não foi, contudo, fácil. Apesar de aparentar o desejo de imparcialidade ao contar sobre o seu comando – focalizando seu profissionalismo e uma série de qualidades que possuía e que justificavam a sua alta posição no Exército brasileiro para além da familiaridade com D. Pedro II –, Taunay deixou transparecer, sem filtro, a forte inimizade que marcou a relação dos dois.

As tensões, apesar do que o memorialista queria demonstrar, inseriam-se não apenas no âmbito pessoal. A primeira delas surgiu em função de uma provável discordância política entre ele e seu comandante. Taunay atuava, então, como correspondente do *Jornal do Commercio*, enviando notícias da campanha. Porém, o príncipe desejava que o destinatário de tais relatos fosse o periódico *A Reforma*, conhecidamente de cunho liberal. Essa discussão com o Conde d'Eu foi tão hostil, que, em parte, consolidou em Taunay sua identidade política conservadora, algo que julgava ter se iniciado nos tempos da Escola Militar⁶⁴. Acabou, nesse sentido, por não ceder às expectativas do príncipe, supondo que o *Jornal do Commercio* era uma “folha de feição imparcial”, além de ter muito maior circulação do que *A Reforma*. Ele reclamava que o Conde d'Eu, por seu papel hierárquico e por ser genro de quem era, não devia adotar (ao menos tão escancaradamente) preferências políticas, mas ser neutro⁶⁵.

Esse trabalho como correspondente do *Jornal do Commercio*, ao que tudo indica, promoveu ainda mais Taunay como o escritor principal da Guerra do Paraguai. Por outro lado, fez com que angariasse a antipatia do príncipe, sentida em incontáveis momentos⁶⁶. A falta de convites do Conde para “comer na mesma mesa”, o que seria comum no ambiente em que estavam e pela posição que ambos ocupavam, foi narrada várias vezes nas *Memórias*, o que demonstra o rancor de Taunay por ter sido preterido. Para alguém aparentemente tão vaidoso, o confesso afastamento do príncipe denotava grave ofensa.

⁶³ Ibid., p. 306-307.

⁶⁴ Ibid., p. 320-321. Não devemos esquecer que Taunay fez uma imponente carreira política representando o Partido Conservador na Câmara e no Senado, após a guerra contra o Paraguai.

⁶⁵ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 321.

⁶⁶ Ibid., p. 324-326; p. 329-331; p. 338; p. 376.

O desejo de se tornar próximo do Conde d'Eu tinha uma motivação óbvia: o estreitamento ainda maior de relações com a família imperial. Há, ainda, outro aspecto que deve ser mencionado, relativo à participação de Taunay na discussão sobre a imigração e a naturalização de estrangeiros, que foi, sem dúvida alguma, uma das maiores bandeiras levantadas por Taunay em sua posterior atuação política – além da abolição da escravatura e do casamento civil. Por conta dessas lutas, desentendeu-se diversas vezes com o Partido Conservador⁶⁷.

Entretanto, muito antes de sua carreira política, em função de sua própria condição de descendente de imigrantes franceses, Taunay preocupava-se com o assunto. Chegou a tentar trocar de sobrenome, aportuguesando-o para “Toné”, o que foi taxativamente negado por seu pai, como narra na autobiografia⁶⁸. Tudo para facilitar sua aceitação nos meios em que trabalhou (de primeira, no Exército e na literatura). Sua atuação posterior como deputado e senador também demonstrou o empenho em pôr fim ao preconceito em relação aos estrangeiros que viviam no país – crescente após a Independência do país de Portugal, vale notar. Faz sentido, portanto, crer que havia a expectativa de que o príncipe lhe fosse mais próximo até por conta da origem francesa comum e da necessidade de ambos demonstrarem, como “estrangeiros”, o quanto poderiam contribuir com o Brasil.

No entanto, se houve esperança de que Taunay pudesse se aproximar do Conde d'Eu nesta nova etapa da guerra, como dão provas algumas passagens do texto, a realidade se mostrou completamente diferente. Taunay criticava também a afinidade do príncipe com Pinheiro Guimarães, por quem tinha particular implicância, sobretudo pelo modo como se expressava (negativamente) em relação ao comando de Caxias⁶⁹. Até mesmo por conta da repulsa de Gastão de Orléans, acabou se aproximando do general João de Souza, que havia sido o braço direito do antigo comandante e que o apoiou na crítica à permanência do conflito armado. Outro amigo feito no período foi ninguém menos que o general Osório, que teve que sair prematuramente da guerra por conta de uma ferida no maxilar⁷⁰.

Ainda que o memorialista tentasse restringir sua oposição ao Conde d'Eu ao âmbito pessoal ou político, em alguns trechos, inclusive na própria controvérsia sobre o *Jornal do Commercio*, ele deixava escapar que tampouco concordava com algumas medidas tomadas por seu superior, na qualidade de comandante. Foi o caso também do grave problema

⁶⁷ MARETTI. op. cit., 2006, p. 36; 133.

⁶⁸ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 63.

⁶⁹ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 328.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 352.

do fornecimento de provisões para o Exército que, possivelmente, deu-se em função de um erro administrativo do príncipe⁷¹. Comparando essa escrita com a dos artigos que compõem *Reminiscencias*, primeiramente publicados em jornal, é possível constatar novamente o tom mais brando com que o autor tratou dos mesmos assuntos na segunda obra. Nela, Taunay elogiava a conduta “impecável” do Conde d’Eu quando assumiu o comando da Guerra do Paraguai. Esclarecia as “qualidades de notável estrategista”, além de reclamar que ainda não havia sido feita justiça ao príncipe: caberia à posteridade apreciar a sua direção na Campanha da Cordilheira⁷².

Em meio aos dramas da guerra, Taunay lia *D. Quixote*, talvez para conseguir, assim como o protagonista do clássico de Cervantes, emergir em outro mundo, distante de tantas aflições⁷³. No ponto em que narrava a subida da Cordilheira, ele descreveu os incontáveis mortos que viu pelo caminho e a miséria do povo paraguaio – episódios que, mesmo vinte anos depois, dizia preferir esquecer⁷⁴. É sintomático que, também neste ponto, a experiência do narrador se sobressaia à do cronista do Império. Apesar de toda a adoração de Taunay por D. Pedro II, o que viveu naqueles tempos foi suficiente para que, ainda que não discordasse veladamente do imperador, ao menos aquiescesse com Caxias, de que a guerra havia se tornado uma mera (e sem sentido) perseguição a López pelas selvas paraguaias⁷⁵. O choque, a tristeza e o cansaço se misturavam confusamente aos sentimentos de respeito às instituições e de lealdade ao monarca. Os ânimos estavam tão acirrados que na descrição que faz da ocupação de Caacupê, nem mesmo o príncipe escapou do forte abatimento que a todos atingia; encontrava-se profundamente irritado, melancólico e tinha “[...] acessos de apatia quase completa [...], falando de contínuo na necessidade de regressar ao Rio de Janeiro, incorrendo, portanto, na mesma falta que tantas censuras haviam valido ao Duque de Caxias”⁷⁶.

Acabado o período, definitivamente concluso desde Campo Grande, dos grandes movimentos de guerra, entregue o final da campanha aos azares da perseguição feita por guerrilhas, que não lhe competia comandar nem dirigir, ao Conde d’Eu se afigurou que nada mais tinha que fazer naquela terra paraguaia tão devastada e melancólica. [...] Estou bem certo, repito, que se não se arriscasse a incorrer na censura tão acremente feita a Caxias, teria de Assunção partido para o Brasil,

⁷¹ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 338. Refere-se, nesse ponto, ao problema com a firma *Lesica e Lanus*.

⁷² TAUNAY, A. E. *Reminiscencias*. São Paulo: Melhoramentos, 1923. p. 150-151.

⁷³ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 350.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 343.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 366.

⁷⁶ É sabido que a Guerra do Paraguai realmente afetou os nervos e a saúde de Gastão d’Orléans. Ele só recuperou seu equilíbrio psicológico e seu bem-estar físico na década de 1880.

dispensando licença do Governo e do Imperador. Não lhe era, porém, mais dado assim proceder⁷⁷.

Nas *Memórias* abordou, ainda, a chegada da tropa ao povoado de Curuguati. Nessa fase da escrita, o Visconde de Taunay, já cansado e adoentado, escolheu citar trechos do *Diário do Exército*⁷⁸ sobre a região e os acontecimentos que lá se passaram. O término da Guerra do Paraguai nem chegou a ser tratado nos manuscritos depositados na arca do sigilo. Afonso Taunay, para a publicação das *Memórias*, incorporou notas avulsas deixadas por seu pai que tratam do fim daquele conflito bélico. Reitera-se, assim, o aspecto incompleto da autobiografia, que tampouco chegou a mencionar a carreira política de Taunay⁷⁹, ou o casamento, em 1874, com Cristina Teixeira Leite, herdeira dos barões de Vassouras – uma das mais antigas e importantes famílias fluminenses –, e o nascimento dos filhos do casal.

Considerações finais:

Conforme se observou, os escritos de Taunay sobre a Guerra do Paraguai, alguns elaborados no correr dos próprios acontecimentos narrados, outros feitos anos mais tarde, acabaram configurando-se em importante contribuição para o conhecimento daquele turbulento período histórico. Entretanto, como qualquer outro tipo de fonte, eles devem passar por um responsável exercício de crítica, tendo em vista demarcar seu lugar de produção e suas intenções narrativas.

Por meio dos exemplos trazidos à tona neste artigo, sobretudo pela rápida análise de *Scenas de viagem* e de *Memórias*, objetivamos demonstrar como, em distintos tipos de escrita efetivados em determinados momentos da biografia do autor, sua análise sobre a guerra apresentou perspectivas ora semelhantes, ora destoantes. Evidentemente, o caráter apologista ao Império brasileiro que Taunay referendava em toda sua produção intelectual não foi preterido nas obras aqui brevemente citadas. Não à toa, concordamos com outros estudiosos da temática citados anteriormente que evidenciam o papel desempenhado pelo

⁷⁷ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 366.

⁷⁸ Essa publicação teve origem como encomenda do Conde d'Eu para servir como registro militar do cotidiano da expedição durante a Campanha da Cordilheira. Cf. SOUZA, Michelli Moretti. *As singularidades de Memórias, de Visconde de Taunay: forma, valor e lugar*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008. p. 28.

⁷⁹ O texto que trata dessa parte da trajetória de Taunay também fazia parte das “notas esparsas” que foram anexadas por Afonso e Raul na publicação das *Memórias*.

Visconde como parte importantíssima da chamada “historiografia de trincheira”, nacionalista e fiel à causa monárquica, e pioneira em tratar do evento.

Por outro lado, entende-se que o caso das *Memórias* acaba sendo especial por se tratar de um texto de natureza sobremaneira pessoal – ainda que esta seja uma marca de boa parte da obra de Taunay –, com especificidades de produção próprias que acabaram por garantir maior abertura reflexiva sobre os acontecimentos pelos quais passou em vida, incluindo-se nesse quesito, de forma incontestável, a própria Guerra do Paraguai. Essa abertura permitiu, por exemplo, que aparecessem resquícios de críticas ao longo prosseguimento da guerra, ao mesmo tempo em que demonstrava a grande barbaridade não apenas dos inimigos paraguaios, o que havia sido um forte argumento para o estabelecimento mesmo do conflito, como também da própria contenda em si.

Como testemunha ocular, Taunay narrava suas impressões – possivelmente as mais próximas da sinceridade – naquela *escrita de si* que permaneceria inédita por muitos anos. Se permitia, portanto, questionar a validade do conflito, ao menos no que dizia respeito à sua contínua duração e à gravidade de suas consequências na região mais ao sul da América. Mesmo que assegurasse a responsabilidade completa da “república confinante”⁸⁰, na figura do ditador Solano López, sobre o conflito, fato reiterado em sua extensa obra sobre o mesmo, Taunay parecia refletir sobre a tragédia humana simbolizada por aquela “[...] terra paraguaia tão devastada e melancólica”⁸¹.

⁸⁰ TAUNAY. *Irecê...* op. cit., p. 19.

⁸¹ TAUNAY. *Memórias...* op. cit., p. 378.